

A CONSTRUÇÃO DO LUGAR CIENTÍFICO E O REAL COMO CITAÇÃO

ÁLVARO CAMPELO

O método introduz a cientificidade moderna, tornando-a discursiva. Enquanto discursiva, a ciência desenvolve processos, de modo a fixar em “regiões” um saber, por sua vez a entender e conhecer, à medida que a razão saída da *Aufklärung* determinava as suas disciplinas, as suas coerências e o seu poder. O saber faz-se teoria, e esta delimita e constrói o próprio saber.

Para além deste saber esclarecido existem o que podemos designar por processos sem discurso, os quais recebem um “lugar próprio” atribuído pelo saber científico: o de “reservas” selvagens desse mesmo saber⁴⁸. Por sua vez a distinção imposta pela história entre a reflexão teórica e as “práticas”, não se refere essencialmente ao binómio tradicional da “teoria” e da “prática”, especificado pela separação entre a especulação e as aplicações concretas, “mas ela tem em vista duas operações diferentes, uma discursiva (na e pela linguagem) e a outra sem discurso”⁴⁹. A nossa atenção orienta-se no sentido de estabelecer o status deste “savoir-faire” sem discurso: qual o saber destas práticas, e a que ponto ele é apercebido pelas ciências ditas humanas. Como práticas que são, o seu sucesso é acessível na experiência, na história, como aproximação processual ao “lugar” e ao “tempo” do evento.

Ao focalizarmos o nosso interesse por este “lugar” sem discurso, verificamos como ele está caracterizado por um significado de fronteira e de limite. A ideia de método, a partir do séc. XVI, modificou progressivamente a relação do conhecer e do fazer⁵⁰: o discurso organiza a forma de pensar em forma de fazer. Há um “savoir-faire” organizado pelo discurso, o qual funciona como uma gestão racional da produção, numa operação

⁴⁸ Cf. Michel DE CERTEAU.1990. *L'invention du quotidien. 1. arts de faire.* Col. Folio/Essais.Paris: Gallimard.p.102. A noção de esclarecido, cara ao Século das Luzes, é ela mesma elucidativa para o campo delimitado que estabelece como “região”.

⁴⁹ *Ibidem.*

⁵⁰ Nomeadamente o que se refere à prática do Direito e da Retórica.

regulada sobre campos apropriados. A fronteira, como já o afirmámos, não situa dois saberes hierarquizados, um especulativo e o outro ligado às particularidades fixadas pelo primeiro, mas ela opõe práticas articuladas pelo discurso àquelas que o não são (ainda). Estas práticas impõem-se como saberes “complexos”, “engenhosos” e “operativos”. Estranhas às “línguas” científicas, elas constituem fora delas um ab-soluto do fazer (são performativas), e uma reserva do saber a inventariar, caso seja possível.

Um “saber” reside nestas práticas, onde as formas de agir⁵¹ não encontram legitimidade dentro da perspectiva de uma racionalidade produtivista. Deixadas de fora pela racionalidade, estas práticas sobrecarregaram-se de um investimento simbólico no que respeita à vida quotidiana. Tendo sido, e sendo ainda “lugares” marginais, fronteiras, a manifestação clara da “diferença” e do “outro” a saber, e apresentando-se como práticas sem discurso, torna-se urgente um discurso sobre elas.

Referindo-se à disciplina denominada de história, Michel de Certeau utiliza o quadro que representa o navegador Amerigo Vespucci diante da “Índia” América⁵² para falar de uma escrita conquistadora, a qual se serve do Novo Mundo “como uma página em branco (selvagem) para escrever o querer, desejo, ocidental. Ela transforma o espaço do outro num campo de expansão para um sistema de produção”⁵³. O “outro” inscreve-se como lugar onde a escrita, o discurso, encontra legitimidade de prática e não já de sentido, dado que este se supõe construído e aceite. A escrita da história é o estudo da escrita como prática histórica. Para Certeau, a preocupação fundamental era visar a relação que o discurso estabelece com o real, de que fala. Qual a relação entre escritura e história⁵⁴ de forma a evitar a ilusão própria ao discurso, o qual pretende fazer crer que ele está “adequado” ao real, ao relevar a relação entre os processos científicos limitados e o que lhes falta (escapa) do real que estudam. A postulação de uma análise historiográfica “tem a ver, por um lado, com um problema político (os procedimentos próprios ao “fazer história” - “faire de l’histoire” - fazem voltar a uma maneira de “fazer a história” - “faire l’histoire”), e, por outro lado, sobre a questão do sujeito (do corpo, e da palavra

⁵¹ M. DE CERTEAU. 1990.p.108.

⁵² O encontro assume figura mítica nesta alegoria desenhada por Jan Van der Straet para a America decima pars de Jean-Théodore de Bry, Oppenheim,1619 (Cf. J. AMSLER. 1955. La Renaissance. Paris.p.89).

⁵³ M. DE CERTEAU. 1975. L’écriture de l’histoire. Paris: Gallimard. pp. 3-4.

⁵⁴ Cf. *Ibidem*.p.5.

inunciadora), questão recusada para o lado da ficção ou do silêncio, através da lei de uma escrita científica”⁵⁵.

Versando o discurso do real, a escrita histórica estabelece-se como um discurso de separação. Ela faz o corte entre o presente e o passado; entre o discurso e o corpo (social). A historiografia vai repetindo o gesto de separação, fazendo dele o postulado da interpretação: “a inteligibilidade instaura-se numa relação ao outro; ela desloca-se (ou “progride”) modificando aquilo que ela estabeleceu como seu “outro” - o selvagem, o passado, o povo, o louco, a criança, o terceiro-mundo”⁵⁶. Tal como na história, este processo paradoxal afirma-se na escrita das outras ciências humanas. A escrita substitui as representações tradicionais que autorizavam o presente por um trabalho representativo que articula num mesmo espaço a ausência e a produção. Ela substitui o que falta em prática significativa. Mas ela, enquanto supõe um lugar próprio, sujeita-se a um poder político, articulador de um querer e dever sistémico de escrita. Ao inscrever-se no espaço do poder político, ela supõe a legitimação desse poder, ou seja, ele tem que juntar à força que o torna efectivo, uma autoridade que o faça credível.

Há uma relação entre este poder e o próprio estatuto do saber científico (bem como do seu discurso). A metodologia de que se socorre, transforma-se em lei, ilusão da superação da ausência, da falta, do corte que a interpretação exige. A escrita assume o carácter de ficção enquanto espaço e lugar onde se exercem os produtos de manipulação e de análise. A ordem, tão importante na compreensão da narratividade, quando ela constrói a relação e dá sentido ao discurso, funciona como mais um elemento de ficção. O investigador das ciências humanas pode somente escrever “conjugando nesta prática o “outro” que o faz avançar e o real que ele não representa senão em ficções”⁵⁷.

A produção do “lugar” é importante, na medida em que ele funciona como aquilo que permite e aquilo que proíbe, na ciência humana como prática e discurso⁵⁸. “Fazer história” ou “fazer antropologia”, só se pode entender enquanto prática (uma disciplina),

⁵⁵ *Ibidem*.

⁵⁶ *Ibidem*.p.9: “A travers ces variantes entre elles hétéronomes - ethnologie, histoire, psychiatrie, pédagogie, etc. -, se déploie une problématique articulant un savoir-dire sur ce que l’autre tait, et garantissant le travail interprétatif d’une science (“humaine”) par la frontière qui le distingue d’une région qui l’attend pour être connue”.

⁵⁷ *Ibidem*.p.23.

⁵⁸ *Cf. Ibidem*.p.78: “Telle est la double fonction du lieu. Il rend possibles certaines recherches, par le fait de conjonctures et de problématiques communes. Mais il en rend d’autres impossibles; il exclut du discours ce qui est sa condition à un moment donné; il joue le rôle d’une censure par rapport aux postulats présents (sociaux, économiques, politiques) de l’analyse”.

enquanto resultado (o seu discurso) e a sua relação sob a forma de produção. A esta forma de produção poderíamos nós chamar de método. O discurso faz uso de um método na medida em que interroga o “real”. A situação do cientista social faz com que esta interrogação assuma duas posições diferentes no processo científico: o “real” enquanto ele é o conhecido (aquilo que o cientista estuda); e o “real” enquanto está implicado pela própria operação científica (os processos, os métodos, seus modos de compreensão e até uma prática do sentido)⁵⁹. Ou seja, por um lado o “real” é o resultado da análise, e por outro, o postulado da mesma. No nosso caso, estas duas formas da realidade não podem ser eliminadas, nem absorvidas uma pela outra. Vivemos a partir da sua relação, e temos como objectivo desenvolver esta relação em discurso. É a própria situação de liminaridade que especifica a nossa ciência como ciência humana. A relação com a diferença, com o “outro” deve marcar profundamente o seu método de interpretação. O confronto de um método interpretativo com o seu “outro”, colocando em evidencia a relação que se estabelece entre um modo de compreensão com o incompreensível que ele “faz surgir”⁶⁰, é causã da tensão interna e consciencia de limite dentro das ciências humanas. O limite é a figura como o “real” reaparece no interior da ciência, designando o “outro” da razão e do possível. Será esta uma possível distinção entre as ciências ditas “exactas” e as “humanas”?:

“Il se pourrait d’ailleurs que la distinction entre sciences “exactes” et “sciences” “humaines” ne passe plus par une différence dans la formalisation ou dans la rigueur de la vérification, mais sépare plutôt les disciplines selon la place qu’elles accordent, les unes, au possible, et les autres, à la limite. En tout cas, il y a sans nul doute, liée au métier d’ethnologue ou d’historien, une fascination de la limite ou, ce qui est presque identique, de l’autre”⁶¹.

Trabalhar sobre o limite é o modo de representar uma diferença, ou a própria relação como operação a concretizar: colocar em cena o “outro” e, assim, estabelecer um saber

⁵⁹ Cf. *Ibidem*.p.47.

⁶⁰ Cf. *Ibidem*.p.51.

⁶¹ *Ibidem*.pp.56-57.

do outro⁶². É dado o momento de chamar a palco o método utilizado pelos etnólogos/antropólogos no trabalho de campo: as Notas de Campo (Fieldnotes).

Os antropólogos têm como característica, pretensamente identitária, realizarem trabalhos de campo (observação participante): “fieldwork is a kind of ritual, a rite of passage”⁶³. Este é um dos três “momentos”⁶⁴ associados ao trabalho etnográfico: o primeiro é este do trabalho de campo, que consiste na recolha de informações; o segundo será o trabalho de texto, ou seja, a elaboração de um relatório etnográfico, dando a razão do mesmo, bem como especificando as práticas de composição usadas pelo etnógrafo para fornecer uma imagem da cultura estudada; e o terceiro momento, o do dito trabalho intelectual (Headwork), tem a ver com o processo de edição e de recepção do texto etnográfico pelas variadas audiências.

Se bem que todos os momentos são questionados e, de alguma forma, investigados enquanto processos de construção científica, o primeiro -fieldwork- constituiu-se, ele mesmo, em foco do próprio texto etnográfico⁶⁵. Há a preocupação de tornar visível a descoberta de práticas e de processos utilizados para se chegar aos dados qualitativos presentes, bem como a situação pessoal e histórica de cada etnógrafo (Cf. Dumont 1978; Rabinow 1977). Surge, assim, uma “etnografia crítica”, a reflectir sobre os seus próprios métodos de análise, e ainda justificando escritas banais, tais como elementos irónicos, e métodos heterodoxos, como que a estabelecer um estilo do não-estilo. Desta forma vemos nascer uma escritura livre de dogmatismos de “puristas” fechados nos seus métodos e nas suas temáticas, pertença de “zonas” confessionais legitimadas pelo autoridade de um saber com poder. Muito da mudança destes métodos e estilos surge devido ao terceiro momento da etnografia: o aumento dos leitores dos textos etnográficos provoca a satisfação de uma linguagem mais livre, bem como a satisfação de diferenças (objectos de análise) pertinentes a este público. E, assim, a etnografia entrou por campos nunca antes visados pelo seu saber. cremos, no entanto, que foi a própria

⁶² Certeau afirma que a historiografia se estabelece como *savoir* de l'autre, através das “citações”, notas e referências. A linguagem citada tem por fim acreditar o discurso, introduzindo um efeito de realidade, produtora de fiabilidade, a qual dá autoridade ao saber. É o que ele denomina de real como citação.

⁶³ Jean E. JACKSON. 1995. “Déjà Entendu. The Liminal Qualities of Anthropological Fieldnotes”, in John Van MAANEN (ed.). 1995. *Representation in Ethnography*. Thousand Oaks: Sage.p.70.

⁶⁴ O termo “momentos” pode ser confuso. Denzin e Lincoln (1994. *The Handbook of qualitative research*. Thousand Oaks: Sage.pp. 7-11) usam o termo para falar de um particular período histórico no desenvolvimento de um campo intelectual - neste caso a emergência de técnicas qualitativas de investigação nas ciências sociais.

⁶⁵ Cf. John Van MAANEN. 1995. “An End to Innocence”. in J.V. MAANEN. 1995.op. cit.pp. 7-8.

relação com o “outro” e a consciência do limite os grandes impulsionadores desta nova escrita. Esta consciência tem o seu ponto alto, para além do trabalho de texto, no momento do trabalho de campo, e reflecte-se em toda a grandeza e riqueza - campo aberto ao outro - nas notas recolhidas durante essa experiência liminar.

Jean E. Jackson, no seu trabalho “The liminal qualities of Anthropological Fieldnotes”⁶⁶, descreve-nos vários tipos de liminaridade nas notas de campo; a saber: 1) Entre mundos: a) entre casa e o campo; b) entre o trabalho de campo e o Nativo. 2) Entre Eus (Selves): a) notas de campo e eu; b) entre Eu e o Outro. 3) Entre Palavras: há vários tipos de géneros literários capazes de serem comparados com outros tipos de escrita. Pode haver um género que vê a “realidade” e que se destina ao investigador e que não pode ser usado pelo público:

“When you’re writing for a book you are writing for an outside audience. The fieldnotes are an intermediate stage. One fear is that they’re subject to a lot of misinterpretation, a fear, one that they are wrong and someone will use them, or two, they’re subject to manipulation the author doesn’t want. In that sense they’re a text, cut off from their roots, different from social reality”⁶⁷.

As notas de campo representam a tensão entre a investigação “científica” controlada e as coisas, eventos, reacções espontâneas e flexíveis. Para além do “saber” aceite e reproduzido, elas têm consigo um saber outro, ausente e prometededor. Campo da “ambiguidade” entre a experiência objectiva e subjectiva, as notas de campo tornam-se o espaço preferido das críticas antropológicas entre os próprios antropólogos.

As notas de campo assumem, por sua vez, um papel demiúrgico: são poéticas (do grego poiein: “criar”, “inventar”, “gerar”), dado que constroem a realidade. Têm uma performance de limite: “depois da sua morte, as suas notas de campo tornar-se-ão documentos históricos”. Ou ainda, como afirmou aquele antropólogo entrevistado por J. Jackson: “We do more than historians ... we create a world”⁶⁸. A missão de criar um mundo outro, não pensado e sem saber, os antropólogos devem-na partilhar com os actores sociais com os quais interagem, também eles diferentes e outros. Eis uma função

⁶⁶ Jean E. JACKSON. 1995.pp.36-72.

⁶⁷ Ibidem.p.63.

⁶⁸ Cf. Ibidem. p.69.

sagrada que o ritual de passagem exige. Uma prática, que, como discurso da mesma prática, assuma o limite e o não-saber como pensável e legítimo. Cremos que o papel das notas de campo no trabalho antropológico funcionam como o lugar do crime, onde se volta e retorna a questionar o sentido da acção (sentido do trabalho antropológico).

A interrogação “teórica” da ciência antropológica é a memória deste resto, enquanto excluído do discurso das ciências, que as notas de campo “salvam”, e que são as “práticas ordinárias” (no sentido de não ligadas ao poder institucional). Como já vimos, este “savoir-faire” sem discurso, feito de operatividades múltiplas, mas selvagens, revela-se complexo e engenhoso. Uma prática que opera fora do discurso esclarecido e está para ele como ausência, como vazio. Falta-lhe um discurso próprio e um lugar para escrever as suas práticas. Transforma-se em arte de fazer “arts de faire”⁶⁹, num pleno sentido estético, em oposição à ciência ilustrada.

“Inscrit dans l’orbite d’une esthétique, l’art de faire est placé sous le signe du jugement, condition ‘a-logique’ de la pensée. L’antinomie traditionnelle entre une ‘opérativité’ et une ‘réflexion’ est surmontée par un point de vue qui, reconnaissant un art à la racine du penser, fait du jugement un ‘moyen terme’ entre la théorie et la praxis. Cet art de penser constitue une unité synthétique entre les deux”⁷⁰.

Certeau reflecte sobre exemplos kantianos, os quais concernem exactamente as práticas quotidianas. A faculdade de julgar, nas práticas quotidianas, usa a relação de um grande número de elementos: a transformação de um equilíbrio dá em um outro equilíbrio. Esta faculdade ultrapassa o entendimento do próprio acto de julgar⁷¹, e investe-se de um acto ético e poético, de forma a originar uma prática estética. Poderíamos, assim, propor uma análise da natureza estética, ética e prática da vida quotidiana. Nada mais do que aquilo que as notas de campo fazem. Ao saírem, em grande medida, do discurso dogmático do texto antropológico, e das teorias com poder reprodutor, elas apresentam-se também como um “savoir-faire” indispensável à compreensão e análise de um saber ausente do discurso das ciências, e que se encontra presente nas práticas ordinárias.

⁶⁹ Cf. DE CERTEAU. 1990 (trata-se do assunto fulcral do livro).

⁷⁰ Ibidem.p. 113. Certeau faz uma alusão à arte de pensar de Kant e da relação que ele faz arte de fazer (Kunst) e a ciência (Wissenschaft).

⁷¹ Cf. A. PHILONENKO. 1968. *Théorie et praxis dans la pensée morale et politique de Kant et de Fichte en 1793*. Paris:Vrin. pp.17-24.

Autores existiram e existem que se interessaram por práticas marginais não estudadas anteriormente. Trataram-nas como outras, mas recuperaram-nas dentro de um lugar teórico globalizante, ele mesmo produtor do saber legítimo e credível. Certeau faz, nomeadamente, uma crítica às posições de Foucault e Bourdieu, quanto à forma como ambos procuraram fornecer uma teoria das práticas⁷².

A operação teórica destes dois cientistas resumem-se a dois momentos: separar e, posteriormente, voltar (primeiro, um isolamento “etnológico”, e depois, uma inversão lógica). O primeiro gesto separa certas práticas, num campo indefinido, de forma a tratar estas práticas como uma população à parte, formando um todo concreto, mas estranho ao lugar onde se produziu a teoria: assim os processos “panópticos” de Foucault, e as “estratégias” de Bourdieu⁷³. Mesmo o processo (Foucault), como o lugar -kabyles- (Bourdieu), são considerados como metonímias da espécie inteira: “a uma parte observável -porque circunscrita- é atribuída a representação da totalidade (in-definível) das práticas”⁷⁴.

O segundo gesto volta à unidade antes desfeita. De obscuro, tácito e vago, a prática é invertida em elemento que aclara a teoria e sustém o discurso. Podemos verificar em Foucault que os procedimentos de vigilância, antes não tidos em conta pela ciência, tornam-se na razão pela qual se esclarecem por sua vez os sistemas da nossa sociedade e os das ciências humanas. Através deles nada escapa a Foucault: eles permitem o discurso. Em Bourdieu, as estratégias enganosas, transgressivas em relação à ordem do discurso, são invertidas para fornecerem a articulação essencial à teoria que reconhece em todo o lado a reprodução de uma mesma ordem através do “habitus”⁷⁵.

Querendo construir uma arte de pensar estética e poética, autónoma e outra, expressão do limite e da diferença, também Certeau se interessou pelo quotidiano que se inventa em mil formas de agir furtivamente “braconner”. Não procura nesta separação uma explicação ou teoria para as práticas. Como a arte, elas escapam ao sentido teórico globalizador, e, por isso, aquilo que ele procura é introduzir uma anti-disciplina.

⁷² Cf. DE CERTEAU. 1990, pp. 98-100.

⁷³ Cf. Michel de FOUCAULT. 1975. *Surveiller et punir*. Paris: Gallimard; Cf. Pierre BOURDIEU 1972. *Esquisse d'une théorie de la pratique*. Genève: Droz.

⁷⁴ Cf. DE CERTEAU. 1990, p. 89.

⁷⁵ Cf. *Ibidem*, p. 100.

Os procedimentos da criatividade quotidiana concretizam-se em formas e maneiras de fazer, que constituem as múltiplas práticas através das quais os utilizadores se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção socio-cultural. Estas práticas tanto se efectivam nas sociedades modernas, por exemplo, pelos consumidores face aos sistemas de consumo⁷⁶, como na vida quotidiana das sociedades ditas “primitivas”, onde os actores sociais descobrem formas tácticas de agir, provas de uma criatividade dispersa.

Na análise que Certeau faz destas práticas, ele propõe uma distinção entre estratégias e tácticas. As primeiras funcionam como um tipo de racionalização que distingue de um “espaço envolvente” um “próprio”, ou seja, o lugar do seu próprio querer e poder. Postula um lugar susceptível de ser circunscrito como um próprio (específico) e que pode ser gerido em relação com uma exterioridade que se origina a partir dele mesmo⁷⁷.

Por sua vez, a táctica funciona como um cálculo que não se pode basear num próprio, e por isso não tem uma fronteira que distingue o outro como uma totalidade visível. Por não ter um lugar, a táctica depende do tempo, da ocasião. Aquilo que realiza não pode ser guardado; vive das ocasiões⁷⁸. Se a táctica não tem por lugar senão o do outro, ela desenvolve-se em campo alheio e estranho, sem contudo ser apropriada. Organizando-se a partir de uma lei estranha, ela, nesse lugar que não é seu, permanece como estranha. Reflexos de uma inteligência operativa, as tácticas manifestam até que ponto esta inteligência é indissociável dos combates e dos prazeres quotidianos que articula, enquanto as estratégias escondem, sob cálculos objectivos, a sua relação com o poder que as sustém, guardadas pelo seu lugar próprio institucionalizado⁷⁹. Se a estratégia tem um próprio que é uma vitória do lugar sobre o tempo, ela domina o tempo. Ao fundar esse lugar autónomo, prepara expansões futuras e permite-se uma independência em relação com a variabilidade das circunstâncias. A análise estratégica possibilita as práticas como lugares legíveis: permitem um saber como poder. Por sua vez as tácticas criam surpresas, são furtivas e estão onde não se espera: elas são enganosas “*elle est ruse*”.

⁷⁶ Cf. *Ibidem*. p. XXXVI-XXXIX.

⁷⁷ Cf. *Ibidem*.p.59: “J’appelle strategie le calcul (ou la manipulation des rapports de forces qui devient possible à partir du moment où un sujet de vouloir et de pouvoir (une entreprise, une armée, une cité, une institution scientifique) est isolable”.

⁷⁸ Cf. *Ibidem*.p.60: “j’appelle tactique l’action calculée que détermine l’absence d’un propre. Alors aucune délimitation de l’extériorité ne lui fournit la condition d’une autonomie; la tactique n’a pour lieu que celui de l’autre”.

⁷⁹ Cf. *Ibidem*.p. XLVII.

Confrontada com o poder do saber , a tática é uma arte do débil faz-se discurso do mais fraco. As táticas são processos que valem pela pertinência que dão ao tempo, à urgência do tempo.

“Les stratégies misent sur la résistance que l'établissement d'un lieu offre à l'usure du temps; les tactiques misent sur une habile utilisations des temps, des occasions qu'il présente et aussi des jeux qu'il introduit dans les fondations d'un pouvoir”⁸⁰.

A tática, ao contrário da estratégia que se postula através de um poder, está determinada pela ausência de poder. E esta ausência de poder é característica das práticas ordinárias, as quais permanecem como uma memória sem linguagem ou discurso próprio.

A investigação antropológica sempre privilegiou o anônimo e o cotidiano, que se nos apresentam como estranhos, outros e diferentes. Outras regiões dão-nos aquilo que a nossa cultura excluiu do seu discurso, e que foi uma arte do saber estético, ético e poético que a faculdade de julgar possibilita. Cabe à antropologia, como ciência do outro, dos limites, abrir as portas da legibilidade a estas práticas táticas deixando que permaneça outro, sempre intrigante e sempre campo aberto de possibilidades. Não serão as notas de campo, espaço do espontâneo, do frágil e da urgência do tempo, um método apropriado a fornecer-lhes um espaço que seja seu e, ao mesmo tempo outro, porque também ele vive na situação de liminaridade? Serão ambos a razão, se aqui há lugar para ela, da legitimidade e credibilidade de um e de outro?

⁸⁰ Ibidem, p. 63.